

## Vigilantes Esalq

# Braços cruzados

### Trabalhadores reivindicam salários atrasados e segunda parcela do 13º salário

JULIANA FRANCO

Da Gazeta de Piracicaba

juliana.franco@gazetadepiracicaba.com.br

Os vigilantes que fazem a segurança do campus da Esalq/USP (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz/Universidade de São Paulo) cruzaram os braços e ocuparam a frente da portaria principal da instituição de ensino, na manhã de ontem, para reivindicar o pagamento dos salários referentes ao mês de dezembro, que estão em atraso, e também da segunda parcela do 13º. Além disso, 14 funcionários demitidos em 2013 não foram notificados individualmente e não receberam pagamentos, nem mesmo a rescisões. O que os impede de retirar o FGTS (Fundo de Garantia por Tempo de Serviço) e dar entrada no seguro desemprego. A empresa terceirizada Execução Segurança é responsável por 243 vigilantes do campus.

Desde julho do ano passado, esta foi a terceira paralisação dos funcionários pelo mesmo motivo: falta de pagamento. Os trabalhadores também reclamam da cesta básica. O valor acertado pela categoria é de R\$ 86. Mas, no mês passado, os alimentos entregues não somam R\$ 30.

"Além do valor da cesta não chegar a R\$ 30, alguns alimentos estavam estragados. Desde o meio do ano passado, a empresa apresenta problemas de pagamento, inclusive do repasse do FGTS. Não recebemos o pagamento de dezembro, nem a segunda parcela do 13º salário e também as multas referentes ao atraso dos pagamentos de meses anteriores, que foram fixadas em outra paralisação realizada por nós vigilantes, em julho e novembro do ano passado", explica o trabalhador José João Rodrigues da Cunha.



Christiano Diehl Neto

Novamente os vigilantes da Esalq param para reivindicar pagamento

*“Não recebemos o pagamento de dezembro, a segunda parcela do 13º salário e também as multas referentes ao atraso dos pagamentos de meses anteriores, que foram fixadas em outra paralisação realizada por nós vigilantes, em novembro do ano passado.”*

**José João Rodrigues da Cunha**  
vigilante

**sobre as irregularidades da empresa com os trabalhadores**

Ainda de acordo com Cunha, durante manifestação realizada no final de 2013, foi assinado um documento que garantia isenção de punição aos funcionários. Mas, uma semana depois, 14 pessoas foram demitidas. "Os demitidos não rece-

beram notificação individual da demissão e também estão sem os pagamentos dos salários e 13º. O mesmo ocorre com o acerto das rescisões".

Mais de 100 vigilantes se reuniram ontem com representantes da empresa Execução Segurança e também reivindicaram melhores condições de trabalho. "Não temos água nas guaritas, os funcionários que trabalham no sol não recebem protetor solar, não temos banheiro e também não há um lugar para que as refeições sejam realizadas", afirma o vigilante.

Os trabalhadores afirmam que não retornam ao trabalho até que toda a situação seja regularizada.

**USP**

A divisão administrativa da Prefeitura do Campus da Esalq informou que as medidas que cabem à instituição estão sendo tomadas. No último dia 2 de janeiro, a universidade fez o pagamento à empresa pela prestação do serviço. Mas, na segunda-feira, 6, foi notificada, pelo Sindicato dos Trabalhadores em Segurança e Vigilância que os salários estão em atraso, assim como a segunda parcela do 13º.

A USP notificou a Execução Segurança para que regularize a situação e a informação que a prefeitura obteve é que os problemas seriam sanados até o fim da tarde de ontem.

**O OUTRO LADO**

O diretor financeiro da empresa Execução Segurança, Marcos José do Santos, informou que o problema ocorreu com os trabalhadores que recebem por um banco específico. "O contrato com este banco venceu e a instituição financeira não quis renovar. Por isso, todos os docs realizados, em torno de 50, voltaram", afirmou mostrando os documentos.

Santos conta que na noite de quarta-feira, 8, parte dos pagamentos atrasados começou a ser feita e a finalização estava prevista para ontem. "Inclusive estamos acertando o 13º salário", afirma o diretor, que completa: "os funcionários demitidos não receberam porque a rescisão deve ser feita em São Paulo, sede da empresa, mas ninguém compareceu".

Em reunião com estes trabalhadores, a empresa ia tentar um acordo para sanar os impasses.

**SINDICATO**

Segundo o presidente do Sindicato da categoria, Daniel Antônio de Oliveira, para que a rescisão fosse feita em São Paulo, a empresa deveria enviar um carro para buscar os trabalhadores ou pagar as passagens. Mas, nada disso foi feito. Inclusive, eles não foram notificados individualmente.

"Ainda existe o caso de trabalhadores que estão com o certificado de vigilante restrito na empresa e não conseguem outro emprego", conta.

Oliveira assegurou que enquanto a situação de todos os trabalhadores não for resolvida, os vigilantes não retornam ao trabalho.